



ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA ENTRE SEME E UNESCO – PROJETO 914BRZ1006

CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

Texto de referência

Aula: Desenvolvimento Humano

Organizadoras das obras de referência:

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Thatiana Aguiar Freire Silva

Autores:

Antenor Magno da Silva Neto

Cynthia Cleusa Pasqua Mayer Tibeau

Dante de Rose Junior

Edison de Jesus Manoel

Igor Armbrust

José Anibal de Azevedo Marques

Meico Fugita

São Paulo

2013



SUMÁRIO

	pág.
1. Desenvolvendo e avaliando a evolução humana por meio do Esporte	2
1.1 Mas o que é mesmo Desenvolvimento?	4
2. O Esporte como ação torna o indivíduo sujeito do desenvolvimento.....	11
3. O Esporte oferecendo referenciais para o Desenvolvimento Humano	13
4. Referências bibliográficas.....	17

1. Desenvolvendo e avaliando a evolução humana por meio do Esporte

O que **faz** do esporte ‘terra fértil’ para o desenvolvimento pessoal? Quais são os **meios** que o esporte oferece para servir de ‘régua’ para o desenvolvimento?

O que aproxima o esporte do desenvolvimento humano? Está na raiz do esporte a necessidade de inovar, superar, fazer diferente, fazer diverso, buscar excelência, com maestria. Mas nada disso vem fácil a quem se lança no esporte porque nele há também os obstáculos, os desafios, a rotina, a repetição sistemática, a necessidade de perseverar, em seguir adiante mesmo que face a face com a adversidade, com os erros e os fracassos. Tais ingredientes estão presentes se falamos de esporte em alto rendimento (campeonatos nacionais, mundiais, por exemplo) ou se falamos do esporte que acontece ali na esquina, numa quadra da comunidade, no campo de terra. Os elementos de drama e de alegria, de superação e maestria, estão tanto lá – nas arenas esportivas midiáticas – como cá – nos campos do dia-a-dia. E aqui nos aproximamos do desenvolvimento do indivíduo, posto que o esporte faz parte do cotidiano não só no imaginário mas no concreto da vida.

Um caso...Muzambinho, Minas Gerais 1983

Dividia meu tempo entre São Paulo e Muzambinho. Em São Paulo buscava estudar, fazer um mestrado. Em Muzambinho trabalhava, era docente na Escola Superior de Educação Física de Muzambinho. As aulas ocorriam em sua maioria no período noturno, mas eu não saía da escola, ficava na biblioteca, me reunia com alunos que queriam fazer pesquisa. Já no final da tarde eu voltava andando para a “minha casa” na Rua 7 de setembro, não me lembro o número, mas ali do lado da casa eu me lembro havia: um terreno vazio. Da janela do quarto onde dormia eu tinha uma visão privilegiada desse terreno, vazio como disse, e plano ótimo para um campinho de futebol, mas não é que um grupo de crianças entre 9 e 11 anos de idade resolveu fazer desse espaço uma quadra de voleibol?! Estava então para presenciar algo fantástico. Aqui cabe lembrar que o voleibol era o esporte do momento, o time que depois ficou conhecido como da geração de prata tinha a atenção da mídia, estava na TV. As crianças queriam jogar

voleibol. E quase todas as tardes elas ia para lá jogar “voleibol”. Não havia marcações no piso, havia uma risca torta feita a galho de árvore dividindo a “quadra” em duas partes aproximadamente iguais. As crianças se dividiam e começava o jogo. Alguém batia na bola com a mão e bater é o melhor verbo para descrever a ação. A bola não era lançada, ela era espirrada, mas não importava uma vez que a bola estava em sua trajetória aérea eram todos tentando fazê-la ficar no ar e quando fosse possível tentavam mandá-la para o outro lado da quadra. E ali, naquele mundo de mãos tentando fazer a bola desafiar a lei da gravidade ouviam-se os gritos de “William” levanta para “Renan” que toca para “Bernard”...ou “Bernard” levanta para “Xandó” e... ponto!!! Havia também um “juiz de rede” que se encarregava de julgar os movimentos escusos e garantir o bom desenrolar da peleja. Ao espectador experimentado aquilo era tudo menos voleibol, mas para as crianças não importava, a bola podia tocar no chão, duas, três vezes, podia haver condução, tudo valia e o jogo se desenrolava. Fiquei ali da janela vendo-os jogarem durante seis meses. Aos poucos o campinho foi virando quadra, a cada semana aparecia uma marcação nova aproximando-o de uma quadra de voleibol. Aos poucos as batidas na bola foram dando lugar ao toque, à manchete, à cortada. E o jogo não cessava. Sem sequência pedagógica, sem filas, sem exercícios educativos, apenas o jogo e, aos poucos, aparecia o bloqueio, a finta, e logo entravam em quadra os Bernard, os William, os Renan, os Xandó, entre outros, tomando posição, cada um no seu ritmo e individualidade e tudo isso sem influência de um adulto. Num prazo de seis meses as crianças construíram a sua própria pedagogia do esporte. Urge aprendermos com ela.

Esse “causo” de Muzambinho se repetiu e se repete em muitos lugares. A criança joga **o esporte** fisicamente e simbolicamente. Ela tenta e realiza, fracassa e vence, supera e é superada, coopera e compete, entra em conflito, exercita o respeito, aprende o perdão, ela soluciona problemas, ela diversifica os meios, compreende as relações entre os meios e os fins, tanto exercita o individualismo, como aprende a agir coletivamente. Por trás de cada uma desses processos a criança experimenta competências cognitivas, afetivo-motivacionais, relacionais, além das ligadas à ação motora.

Aqui ressaltamos que a atividade motora que compõe a prática esportiva é tanto subsidiária do desenvolvimento humano como é um fim em si mesma, isto é, ela vale por si. Mover-se melhor propicia uma experiência pessoal que esta na base do nosso viver. Imagine a vida sem mobilidade ou com mobilidade reduzida? Quem já teve o infortúnio de experimentar essa limitação logo se reconhecerá no que falamos. Quem felizmente não teve essa experiência, dispenda um tempo observando alguém que tem essa limitação. O nosso cotidiano está tão embebido do nosso mover-se e de suas possibilidades que não nos damos conta da importância que o mover-se tem em nossa vida.

As faculdades mentais (imaginar, perceber, interpretar, decidir, planejar, avaliar) que lhe permitem ler e refletir sobre esse texto, que lhe permitem planejar o dia de amanhã ou ponderar sobre o que realizastes no ano que passou, surgiram, se desenvolveram e se aperfeiçoaram na evolução dos nossos antepassados longínquos para que eles e nós pudéssemos realizar movimentos de forma mais eficaz e assim garantir uma interação com o mundo físico e social mais adequada à sobrevivência e à vida de forma geral. O mover-se na prática esportiva compreende esses processos mentais superiores realizados na sua forma mais básica. Assim no esporte exercitamos o imaginar, o perceber, o interpretar, o decidir, o avaliar, e também o conciliar, o desafiar, o investir, o superar, o cooperar. Tudo o que nos torna gente melhor. O esporte pode oferecer um palco rico para que cada criança, cada jovem, construa experiências significativas para seu desenvolvimento.

1.1 Mas o que é mesmo Desenvolvimento?

Se consultarmos um livro-texto de desenvolvimento motor, por exemplo, encontraremos que desenvolvimento se refere a um conjunto de mudanças na forma como nos movimentamos, isto é com mais qualidade, complexidade e adaptação, desde a concepção até a morte. Logo, tais mudanças são organizadas com uma direção, do mais geral para o mais específico, do mais simples para o mais complexo, e com uma sequência: fases ou estágios que indicam os diferentes estados de desenvolvimento do indivíduo, de um estágio

rudimentar para um estágio avançado ou maduro. Essa sequência é associada a faixas etárias principalmente nos períodos correspondentes à infância e à juventude. Há um sentido de inevitabilidade nesse processo: todos nós vamos passar pela sequência de desenvolvimento, e pela mesma ordem das fases. Variações quando ocorrem se devem à velocidade com que cada um passa pela sequência. Falaremos mais sobre isso adiante, por ora paremos e vejamos a descrição de um fenômeno feita por Jack Keogh¹ e que remete a outro aspecto do desenvolvimento que julgamos fará mais sentido dentro da proposta do Clube Escola.

O fenômeno do playground

“Uma criança de sete anos resolve chutar uma bola de futebol, ato que nunca realizou antes, vai até o playground do seu prédio ou ao parquinho próximo à sua casa e sozinha busca chutar a bola. De partida, ela tem na memória o chute do Neymar que ela viu na TV. Fica diante de um paredão para facilitar pegar a bola, coloca-a na chão, procura deixá-la imóvel, sabe que um

pequeno movimento para lá ou para cá pode significar um erro e de fato acontece. O primeiro desafio é deixar a bola imóvel e sem se afastar muito dela, acertá-la com o pé. E a criança repete exaustivamente: bola no chão imóvel, posta-se imediatamente atrás dela echute!!! Erro, ora chuta o vazio, ora chuta sem direção, ora chuta sem força, ora com muita força a ponto de perder o equilíbrio e cair, e tenta mais uma vez, e outra, e outra mais. Descobre que se der um passo atrás será melhor o equilíbrio, e o chute em distância e em direção. Mais testes e repetições à exaustão. Descobre a melhor distância, o local do pé de apoio, e mais repetições do que deu certo. Súbito ao acertar um chute com força e direção, a bola bate no paredão e volta em sua direção e pimba! Ela emenda um chute, agora com a bola em movimento, o chute sai estranho, o corpo meio desequilibrado, mas algo funcionou. Ela não repete mais a bola parada, agora o “jogo” é chutar sem parar a bola e assim vai experimentando até que numa bola bem chutada a meia altura ela bate no paredão e retorna quicando à sua frente e ela emenda outro chute só que agora a bola não está só em movimento, mas no ar. Ela descobre o chute voleio, mas

ainda há muito o que “repetir” para dominá-lo e é tarde, hora de voltar para casa.” (baseado em exemplo dado por Keogh, 1977).

A criança do playground construiu a sua experiência, como fizeram as crianças de Muzambinho. Dessa situação ela experimentou algo comum às atividades motoras: os graus de liberdade do seu próprio mover, os graus de liberdade relativos aos meios possíveis para se atingir o objetivo da tarefa motora a ser realizada. Há um misto de repetir a mesma coisa e também fazer algo novo, em outras palavras: toda situação envolveu a experiência de inovar.

No esporte, a criança e o jovem podem experimentar algo novo ao aprender o tradicional. Ao explorarem os seus graus de liberdade e os da tarefa, elas realizam algo nunca feito antes, e este é o cerne do que chamamos desenvolvimento. A ideia não é nova, senão vejamos o que diz Myrtle McGraw² uma pesquisadora clássica do desenvolvimento motor infantil:

“...desenvolvimento realmente envolve a emergência de algo novo – uma forma de comportar-se (agir) que o indivíduo nunca experimentou anteriormente.” (p.300, McGraw, 1935)

Ainda há quem pense o desenvolvimento como o desenrolar de um tecido já escrito em capítulos – fases e estágios – e governado por relógios moleculares ou condicionado por um ambiente onipotente. Em qualquer das visões resta pouco espaço para o indivíduo, visto assim como **objeto do desenvolvimento**. Nessa concepção dá-se grande importância a normas e referências de desenvolvimento associados à idade, posto que ele é entendido como um processo regular, determinístico, ou seja, como dissemos anteriormente, há um ar de inevitabilidade no desenvolvimento. O comportamento das crianças é avaliado de acordo com as fases de desenvolvimento e juízos de valor são emitidos dizendo se a criança está adiantada para sua idade, normal para sua idade, ou (pior) se ela está atrasada para sua idade. As fases e os estágios de desenvolvimento que originalmente serviam de referenciais para analisar o comportamento da criança, tornam-se,

numa sutil mudança de perspectiva, em metas a serem alcançadas, ou contra as quais se decreta a normalidade, ou não, de uma pessoa.

Adotaremos outra forma de ver o desenvolvimento humano, que sem descartar o papel dos agentes biológicos e dos ambientais, considera que o desenvolver-se ocorre na medida em que o indivíduo age, ativamente ressalte-se, no meio físico e social. Nesse processo, o indivíduo explora seus graus de liberdade (conjunto de elementos biopsicológicos) ao efetuar ações e efetivar resultados, ele explora os meios e os fins influenciando os que estão (os pais, cuidadores, irmãos, parentes, amigos, professores, etc.) no seu entorno, como sendo influenciado por eles. E mais, suas ações têm consequências internas alterando o fluxo de influências neural e genético). O desenvolvimento corresponde às transições que o indivíduo passa a partir da construção da sua própria experiência no espaço pessoal e no espaço social, o indivíduo é assim **sujeito do desenvolvimento**. Vale ressaltar que aqui não falamos de uma sequência de desenvolvimento, mas de trilhas desenvolvimentistas³. Trilhas são feitas passo a passo. Há mais de uma para um mesmo sentido. Os casos considerados como patológicos ilustram trilhas que chegam a becos sem saída ou trilhas incomuns. Já os casos de indivíduos virtuosos nas artes (incluindo aqui a música, a dança, a expressão corporal, o teatro e o esporte) são exemplos dos que percorreram as trilhas difíceis. Mas há ainda as trilhas que são amigáveis – fáceis de seguir, não requerem muito esforço, primam pela economia - proporcionam belas vistas (experiências). Essas tendem a ser seguidas por muitos e é a que mais se aproxima da noção de sequência de desenvolvimento numa visão tradicional desse fenômeno.

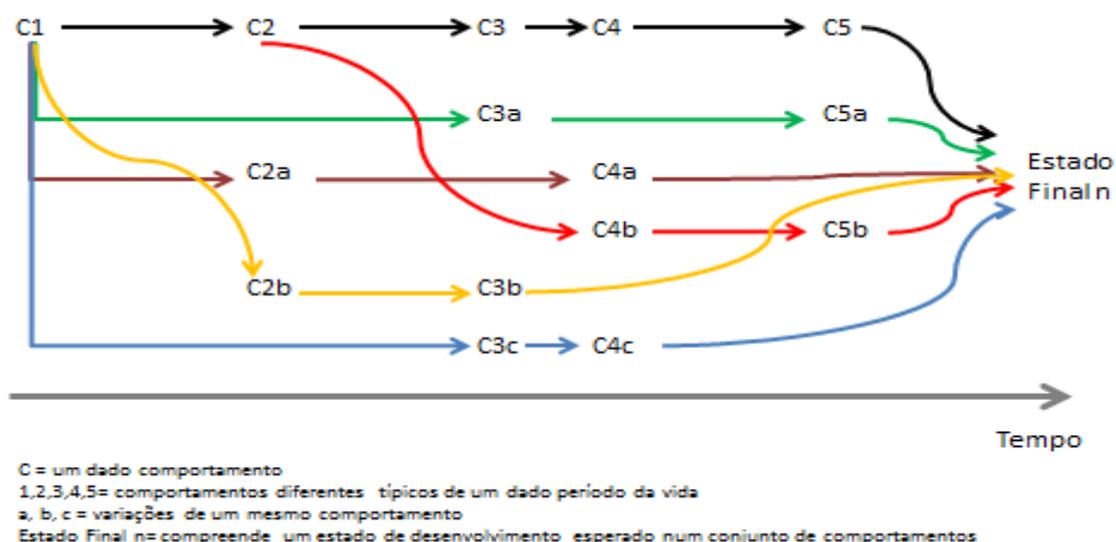


Figura 1. Diferentes trilhas desenvolvimentistas.

A figura 1 exemplifica a ideia de trilhas desenvolvimentistas. De forma hipotética são colocados cinco comportamentos que aparecem na vida de um indivíduo ou grupo de indivíduo durante um dado período de sua vida. Esses comportamentos (de 1 a 5) aparecem em sucessão ao longo do tempo e são relacionados ao surgimento de um estado final esperado, por exemplo, o andar bipedal independente. Isso é observado em vários indivíduos e se torna um exemplo de uma trilha amigável. Mas alguns indivíduos mostrarão outras possibilidades como exemplificada em cada “caminho” representado por uma cor na Figura 1. Por exemplo, um indivíduo ou grupo de indivíduos começa no C1 e logo apresenta C3a (variação do C3) e deste para o C5a (variação do C5) chegando daí ao estado final esperado (caminho com a cor verde). E assim, outros indivíduos apresentarão trilhas diversas. A variabilidade encontrada entre indivíduos resulta da história de interações num mundo que vai da dimensão física à sociocultural. Como seria a trilha desenvolvimentista para um estado esperado de locomoção independente de um indivíduo que nascesse numa base lunar do futuro e lá vivesse o primeiro ano de vida, considerando que na Lua a força da gravidade corresponde a 1/6 da mesma força que atua sobre nós na Terra? Imagine ainda que um bebê venha a nascer no seio de

uma cultura que privilegia como modo social mais aceito de locomoção independente o galope, qual seria a trilha desenvolvimentista a ser seguida nesse caso? Os dois exemplos são esdrúxulos e extremos, mas não irreais e servem para exercitarmos a noção de que no desenvolvimento não seguimos uma sequência, mas trilhas. Nesse processo, há um conjunto de elementos, incluindo o que é herdado geneticamente e culturalmente, que podem contribuir para que muitos sigam a mesma trilha, ou na verdade, trilhas muito similares que à distância parece uma única e principal avenida. Nessa concepção, pode-se contemplar a ideia de fases e estágios associados às faixas etárias na infância e adolescência. Mas elas – as fases e os estágios - são referenciais, pontos de partida para uma análise mais detalhada do contexto do desenvolvimento onde o indivíduo – a criança e o jovem – trilha o seu próprio processo de desenvolvimento. Com o conceito de desenvolvimento onde o indivíduo é sujeito do desenvolvimento nos aproximamos do conceito de desenvolvimento humano que é o protagonista de uma ação mundial promovida pelas Nações Unidas para forjar políticas públicas que tenham como a promoção da qualidade de vida das pessoas de todo mundo:

“...desenvolvimento humano ... como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser..”⁴

O esporte, como concebido na presente proposta, oferece a oportunidade e os meios para que o indivíduo construa sua experiência, experimente e exercite escolhas e desenvolvam suas competências.

O que significa mesmo **competência**?

Competência aqui é compreendida como a capacidade do indivíduo agir de maneira eficiente em determinada situação/desafio proposto a ele a partir de conhecimentos que possui ou adquire, mas sem limitar-se exclusivamente a estes conhecimentos⁵.

Desta forma, abordar competência, significa exercitar um ‘saber como’ em detrimento de um ‘saber que’, dando assim uma noção de dinamismo e

movimento. Não basta dominarmos o que devemos saber mas como devemos saber e, assim, necessariamente, a noção de competência remete à ação com os outros, consigo mesmo e com o ambiente⁶.

Na prática esportiva de uma forma ampla, a criança e o jovem são levados a explorar suas possibilidades, experimentar, testar, avaliar, modificar suas ações e atitudes fazendo da prática esportiva um laboratório de seu desenvolvimento. Com suas regras, suas metas, seus desafios, suas demandas por inovação e superação, o esporte oferece parâmetros contra os quais o indivíduo mensura suas mudanças, explora novas trilhas de desenvolvimento.

Antes de prosseguir, vamos guardar em mente algumas coisas. Primeiro, sobre a relação entre movimento, esporte e desenvolvimento:

- O **mover-se** é essencial para vida pois nos permite interagir no mundo que é a fonte para o **desenvolvimento humano**.
- O **mover-se no esporte** permite ao indivíduo explorar seus graus de liberdade e os graus de liberdade das tarefas que compõem o esporte, assim, o indivíduo experimenta vários processos que constituem competências cognitivas, afetivas, relacionais.
- O **mover-se** que compõe o **esporte** é tanto subsidiário do **desenvolvimento** como um fim em si mesmo.

Segundo sobre as duas possibilidades de se entender o desenvolvimento:

O indivíduo é sujeito do desenvolvimento quando o desenvolvimento é concebido como um processo de construção da experiência por parte do indivíduo a partir da qual ele adquire competências, transforma o mundo ao seu redor e é influenciado por ele. Ao invés de sequências de desenvolvimento, há trilhas desenvolvimentistas que é o registro do história de cada indivíduo ao mesmo tempo balizada pela história de todos os indivíduos – seja no plano biológico, seja no plano sociocultural. Assim, veremos que as trilhas individuais se assemelham em muitos aspectos (ao que se atribuiu a ideia de universalidade

na sequencia), mas que também se diferenciam de forma importante (o papel da experiência individual). A visão do desenvolvimento aqui é probabilística.

2. O Esporte como ação torna o indivíduo sujeito do desenvolvimento

A prática do esporte entendido como verbo, permite ao indivíduo conhecer num sentido tácito – ele conhece, mas não sabe que conhece – que está no cerne do desenvolvimento das ações motoras. Sem esse desenvolvimento não é possível explorar os graus de liberdade que as atividades compreendidas pelo esporte oferecem.

Aqui cabe um momento para refletirmos sobre o esporte em relação ao “movimento” e a “ação”. Quando observamos uma pessoa realizando várias vezes um chute ao gol, temos claro que ela fez sempre a mesma coisa, todavia, se investirmos um pouco mais de nossa atenção nessa observação, teremos a impressão de que ela não fez sempre a mesma coisa. Esse paradoxo se explica pela relação que existe entre ação e movimento. A **ação é definida pelo objetivo** que se pretende alcançar, e assim pela nossa **intenção**, no nosso exemplo, chutar ao gol. O **movimento é definido pela forma como os segmentos corporais são efetuados**, no exemplo, a posição do pé de apoio, o deslocamento da perna de chute, o deslocamento do braço contra-lateral, etc., poderíamos ir detalhando em termos espaciais e temporais o que cada parte do corpo faz no chute. A pessoa ao chutar várias vezes ao gol está realizando sempre a mesma ação, mas os movimentos podem e com certeza vão ser diferentes, pois as posições do corpo, dos segmentos mudam ainda que minimamente de um chute para o outro.

Assim é importante ter em mente que:

A ação é definida pelo objetivo que buscamos alcançar no meio ambiente físico e social. O objetivo se constrói a partir de nossa intenção que por sua vez é permeada pelo significado (valores que atribuímos a algo) e contexto (físico e social). A ação é motora porque os movimentos são parte essencial para sua realização.

Um exemplo: o Xadrez e o Lance Livre do Basquetebol.

Ambos envolvem ação, mas no Lance Livre ela é essencialmente motora para o executante/ator/agente. No Xadrez ela é essencialmente intelectual para o executante/ator/agente. No Xadrez uma vez que eu declare a jogada a ser feita - "Cavalo para terceira casa da coluna do Bispo Rei" -, qualquer pessoa pode ir lá mover a peça no tabuleiro, isso não altera o resultado da minha jogada. O mesmo não é válido para o Lance Livre - se na hora do Lance Livre eu chamo o Kobe Bryant para efetuá-lo os meus adversários não vão aceitar. Uma vez que eu tenho claro o objetivo da ação eu posso escolher diferentes caminhos -leia-se movimentos- para alcançá-la. Isso não quer dizer que eu fique, a toda hora, variando os meios para o mesmo fim. Uma situação em que fazemos isso de forma deliberada é na brincadeira e no jogar, dimensões do esporte: aliás no esporte o jogador habilidoso faz exatamente isso: ele "brinca" de alcançar o mesmo fim por diferentes meios - ele diz que assim o esporte lhe dá prazer (embora o adversário nem sempre compartilhe do mesmo sentimento). O fato é que fazer isso é no mais das vezes, essencial para suplantar um adversário que espera sempre que seu oponente realize não só a mesma ação, mas a mesma relação meio-fim (um determinado conjunto de movimentos para um objetivo). Quando ele modifica essa relação, o adversário é pego de surpresa. Por isso eu diria que: (1) nos ensinamos ações motoras nos esportes e atividades (danças, ginásticas, acrobacias), isso implica em contextualizar movimentos, e não repeti-los; (2) o aprendiz ao longo do processo forma uma compreensão da relação meio-fim que implica em ter atenção para os elementos do contexto que são relevantes para ação, das possíveis decisões que podem ser tomadas a cada situação, dos requisitos necessários para implementar as diferentes soluções. Ao ter a compreensão da relação meio-fim, nós na maioria das vezes não temos consciência dos meios que utilizamos: hoje no café da manhã à medida que minha xícara de café com leite ia se esvaziando eu ia variando a força necessária para elevá-la, é um controle fino mas implica em alteração dos meios, ainda que os movimentos a olho nu pareçam os mesmos. Eu faço os ajustes sem saber que faço - revelando um saber que antecede a compreensão humana parafraseando Tostão.

Para finalizar, vamos destacar mais um ponto aqui antes de ir adiante.

O mover-se em suas diversas formas, ritualizadas na brincadeira, no jogo, na dança, no esporte, na expressão corporal, na arte, reveste-se de uma magia por nos fazer vivenciar um **conhecer encarnado** - esse saber que antecede a compreensão humana - que é **um conhecer a si mesmo** essencial para a construção da **experiência que faz do indivíduo sujeito do desenvolvimento**. A prática do esporte, o esporte como um verbo, uma ação propicia um **conhecer ao mover-se do esporte**.

3. O Esporte oferecendo referenciais para o Desenvolvimento Humano

O Esporte como o espaço e o tempo da ação motora, proporciona ao indivíduo trabalhar com uma linguagem pouco conhecida até mesmo por nós, profissionais de educação física, trata-se da linguagem que alguns chamam de proprioceptiva, outros cinestésica. O mundo como percebemos depende diretamente do nosso corpo, da sua história biológica, da sua história sociocultural. O corpo é a medida do mundo ao redor. Pense no nosso corpo como uma régua, trena, e assim o que percebemos está sendo balizado por ele, pelo nosso corpo. Para tanto, agimos sobre as coisas, tocando, sentindo, ouvindo, cheirando, portando, levando, entre tantas outras ações que efetuamos. A percepção é permeada pela ação do indivíduo no seu entorno, não havendo, portanto distinção entre perceber e agir, uma depende da outra de forma recíproca.

A prática esportivaⁱ ao propiciar um **conhecer no mover-se do esporte** abre a possibilidade de outras dimensões de conhecer na experiência dessa prática. O esporte como ação possibilita um **conhecer sobre o esporte enquanto atividade humana, prática sociocultural e física**, como também

ⁱ Fizemos uma adaptação da “Educação e as três dimensões do conceito de movimento” em Arnold, P. J. Meaning in movement, sport and physical education. London: Heinemann, 1979. Arnold fala em Education about movement – Educação sobre o movimento-, Education through movement – Educação por meio do movimento - e Education in movement - Educação no mover-se. Cabe destacar que a última dimensão foi traduzida e interpretada em nosso meio como “educação do movimento” ou “aprendizagem do movimento”, ambas inadequadas não só do ponto de vista gramatical, mas principalmente do conteúdo posto que a orientação de Arnold é fenomenológica que implicaria numa “educação embebida no mover-se intencional, pleno de significados e contextualizado do indivíduo. Ver a esse respeito também os verbetes movimento humano, se-movimentar no Dicionário Crítico de Educação Física, F.J.González & P. E. Fensterseifer (Orgs.). Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

um **conhecer por meio do esporte**. Estabelece-se assim uma tríade (figura 2) que proporciona referenciais para que a **prática esportiva seja objeto e sujeito da aquisição de competências**.

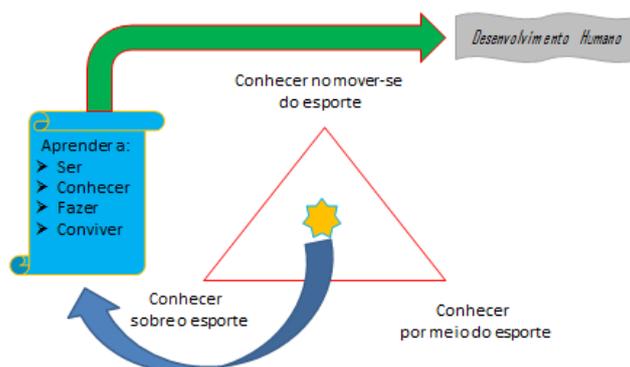


Figura 2. Tríade das dimensões do conhecer no esporte e o desenvolvimento humano.

O conhecer no mover-se do esporte, o conhecer sobre o esporte e o conhecer por meio do esporte oferecem espaços e tempos para que o indivíduo em seu processo de construção ativa da experiência enverede por processos de aquisição em quatro dimensões (conhecidas como os quatro pilares da educação, ver quadro a respeito): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI: UMA SÍNTESE⁷

APRENDER A CONHECER: levar o indivíduo à aventura do conhecer, de compreender o mundo, de desvelar aquilo que o cerca, a exercer o poder de observação e experimentação, de análise e de síntese para que o indivíduo participe ativamente da construção do conhecimento.

APRENDER A FAZER: *o conhecer tem como outra faceta o fazer*, aqui não se fala num fazer mecânico sem significado, repetitivo sem compreensão, o aprender a fazer implica no indivíduo ser ciente de seus recursos e competências para

transformar o mundo ao seu redor, para saber usar os seus conhecimentos na vida com um mundo em constante transformação.

APRENDER A CONVIVER: a resolução de muitos problemas modernos demanda a aprendizagem do convívio com o outro na sociedade, com o que é diverso; aprender a conviver não se dá apenas no sentido de aceitar o diferente, mas sobretudo de aproveitar as diferenças de cada um para tornar o mundo mais habitável para todos.

APRENDER A SER: significa apreender que para **ser** é preciso sempre **tornar-se**, implica na constante “auto-atualização” do indivíduo de forma que ele se reconheça (sua identidade) em suas competências e seu potencial para mudar e modificar o seu entorno, sendo em síntese: **sujeito do seu desenvolvimento**.

Vamos falar agora sobre o **conhecer por meio do esporte**. Entendendo que o desenvolvimento compreende, entre outros aspectos, conhecer melhor a si e ao mundo em que se vive, podemos afirmar que um dos processos pelos quais o desenvolvimento humano pode ser promovido por meio do esporte envolveria a aquisição de conhecimentos por meio dele. As modalidades esportivas em si geram questões e reflexões que remetem a outras dimensões do pensamento, da emoção, da afetividade, da socialização. Por exemplo⁸, ao se discutir com jovens sobre o que torna a dança algo tão especial, pode-se enveredar por uma discussão de Estética. Ou ainda, numa situação de formação de dois times para uma prática de um esporte, o técnico pode aproveitar para levar os praticantes a buscarem uma composição dos times de modo que eles se equivalham em competência, tornando a competição mais equilibrada. O técnico pode ainda acrescentar pontos a um gol feito com participação coletiva em contraponto a gols feitos por jogadas exclusivamente individuais. Nessas duas circunstâncias, os praticantes vivenciam uma experiência de relações sociais que envolvem cooperação e atitudes de inclusão, num contexto que é competitivo.

Com o **conhecer por meio do esporte** ensinamos explorar as situações que a prática esportiva oferece no que diz respeito a processos como estabelecer metas, perseverar na busca dessas metas, balizar a percepção de

competência de si com realizações concretas, envolvendo sucessos, fracassos, erros e acertos. Confrontar as tendências individuais com as vontades de outros, trafegar no continuum do interesse pessoal ao interesse coletivo. Experimentar o esforço e os desafios de superar a si e ao outro. Esse conjunto de processos se associa na construção de competências cognitivas, afetivo-emocionais e relacionais e a partir delas e as mudanças que apresentam se pode obter indicadores na avaliação do desenvolvimento humano no contexto do Clube Escola.

No **conhecer sobre o esporte** temos uma dimensão que pode ser considerada de dois pontos de vista: (a) como uma **forma racional de questionamento** – Por que o esporte é tão presente na mídia? O que determina o sucesso numa prática esportiva? O esporte pode ser benéfico para o desenvolvimento humano? A prática esportiva pode me ajudar a ser mais assertivo? Como posso iniciar prática de um esporte? Qual o lugar do esporte na cultura? Essas e outras formas de questionamentos podem ser feitas por qualquer que tenha um interesse no esporte enquanto uma prática regular ou mesmo como um fenômeno cultural tão presente na vida das pessoas. (b) como um **objeto de estudo** – essa via se remete a diferentes áreas de estudo que tomam o movimento de seres vivos, de forma geral, e dos seres humanos de modo particular, como matéria de investigação científica, algo que compreende da física, anatomia, fisiologia à psicologia, antropologia, sociologia, entre outras. O interesse dessa investigação pode ser “puro” ou voltado para questões práticas – Qual o melhor método treinamento para o futebol? Qual a melhor disposição para um teclado de computador? Qual o melhor exercício físico para a reabilitação cardíaca?- em qualquer instância, acadêmica ou prática, o interesse pelo “movimento” é grande.

Assim, no **conhecer sobre o esporte** buscamos promover situações significativas em que a criança e o jovem apreendam o que chamamos de “lógica natural” de cada modalidade esportiva: suas regras, princípios básicos de organização, bases para eficiência e eficácia em sua prática. Sobretudo, projeta-se uma prática em que a criança e o jovem façam desse conhecer um

exercício para entender a própria sociedade em que vive, posto que o esporte é fruto de tradições culturais, de processos históricos socioculturais, e que nele se manifestam forças políticas e econômicas.

Em síntese, o desenvolvimento humano pode ser promovido por meio do esporte porque na prática deste pode, se organizada adequadamente, oferecer oportunidade para a experiência ativa do indivíduo em conhecer nas suas diferentes dimensões como sintetizado no quadro a seguir:

- ✓ **Conhecer no mover-se do esporte:** compreende os processos de aquisição da ação motora resultando numa forma de **conhecimento encarnado**.
- ✓ **Conhecer por meio do esporte:** envolve a seleção e exercício de competências associadas aos processos de tomada de decisão, de motivação, de socialização.
- ✓ **Conhecer sobre o esporte;** consiste no domínio da lógica do esporte – suas regras, princípios de organização e de eficiência e eficácia, e nesse processo, apreender os sentidos e significados do esporte numa perspectiva histórica, sociocultural, além das forças políticas e econômicas que nele se refletem.

O desenvolvimento humano não se dá por partes, ele incorre num processo intrincado onde muitos elementos se modificam e interagem. As divisões que aqui estabelecemos, seja entre os diferentes tipos de conhecer associados ao esporte, seja em relação às formas e tipos de aprendizagem, constituem uma maneira de dar sentido a um processo em que tais conheceres e aprendizagens se entrelaçam de forma dinâmica no tempo.

4. Referências bibliográficas

- (1) KEOGH, J. F. The study of movement skill development. **Quest**, 28: 76-86, 1977.
- (2) MCGRAW, M. **Growth: a study of Jimmy and Johnny**. New York: ,1935.
- (3) MANOEL, E. J. A abordagem desenvolvimentista da educação física escolar- 20 anos: uma visão pessoal. **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, 19, 4, 473-488, 2008, Disponível em:

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/6039/3779>>.

Acesso em 23 jan. 2013.

- (4) PNUD. **Rapport mondial sur le development humain 1995**. Paris: Economica, 1995.
- (5) PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- (6) CONNOLLY, Kevin J. & BRUNER, Jerome S. (eds.). **The growth of competence**. London: Academic Press, 1974.
- (7) DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 1998.
- (8) ARNOLD, P. J. **Meaning in movement, sport and physical education**. London: Heinemann, 1979.